Aveiro, 20 de Abril de 1963 * Ano IX * N.º 443

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

O MISTÉRIO DO "3-C-273"

Um artigo de ALVES MORGADO

ASTRÓNOMOS americanos, australianos, sul-africanos e europeus descobriram um singular objecto celeste, que brilha ou brilhava, na altura da observação, como estrela de certa grandeza, mas que se deslocava com uma velocidade aparente que desmentia a sua natureza estrelar. Todos os objectos presentes nas objectivas telescópicas têm um nome ou são designados por um número ou por letras (gregas e latinas) e números. O objecto observado nos últimos dias de Março findo transitou para os catálogos com o indicativo «3-C-273».

Segundo as notícias vindas a lume, os astrónomos verificaram que esse objecto tinha dois componentes, cada um dos quais emitia estranhas ondas de rádio. «Parece ser — disse um destes cientistas — uma estrela com um pequeno jacto». Outro declarou: «Pressentimos o objecto durante a observação de recentes eclipses». É sabido que as estrelas, embora pareçam fixas na concha negra do céu, se deslocam a grandes velocidades. Algumas delas merecem, por esse facto, o epíteto de «estrelas-projécteis». Mas é pelo cálculo matemático e não pela observação visual que se avaliam as suas velocidades espantosas. Ora o «3-C-273» movia-se de tal forma em tão curto lapso de tempo, que tinha de ser afastada a hipótese de se tratar de uma estrela. Por outro lado, nunca houve notícia de «estrelas a jacto». Os únicos objectos celestes parecidos com os «jactos» da nossa era, são os cometas, que nada têm de estrelas.

Na imprensa mundial têm-se bordado muitas hipóteses sobre a natureza deste fenómeno. Uma delas, verdadeiramente revolucionária, afirma tratar-se de uma nave espacial extraterrestre. Assim, temos ou tivemos à vista um representante de outra civilização cósmica. Quando da grande ofensiva dos discos voadores, após a segunda guerra mundial, já tinha sido posta, por personalidades responsáveis, a hipótese de a Terra estar a ser observada sistemàticamente por emissários de outras civilizações. E num congresso mundial de teólogos chegou a prever-se um próximo encontro da nossa humanidade com embaixadores de outras humanidades. Houve realmente encontros de terrícolas com supostos marcianos e venusianos, mas os sensacionais acontecimentos não tiveram confirmação e quedaram-se nos apontamentos humorísticos das farsas musicadas.

Partindo da hipótese que o «3-C-273» não é nenhum dos objectos celestes clássicos e é, na verdade, uma nave espacial extraterrestre, pergunta-se: de onde veio?

A Lenda Negra de AQUILINO

PELO DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

O nosso mais firme e altaneiro promontório das letras pátrias cumpriu há dias cinquenta anos de desafio às ondas, aos ventos, à calmaria. A erosão do tempo deixou-lhe cabelos brancos, rugas na casca de roble, calos nos dedos escribas. Foram sóis e chuvas de cinquenta anos, raios e coriscos a cair do céu, e o promontório sempre de pé, cada vez mais ladino após as bátegas de água, mais fresco, mais jovial. Mas o tempo correu e foi formando a lenda negra em torno desse gigante terrígeno. Uma lenda ou babugem negra, produto intolerante da crítica exclusivista.

Quando um escritor da qualidade e senhorio de Aquilino festeja as suas bodas de ouro com as letras, vale a pena remexer na babugem e desfazer os lugares comuns onde a preguiça mental se aquieta. Numa síntese poderei dizer que o lugar comum fabricado para «catalogar» Aquilino é este lindo ramo de rosas com espinhos, mais espinhos do que rosas: é um escritor de grande mérito nacional mas de escasso significado universal; não é um romancista no verdadeiro sentido da palavra porque não sabe criar mundos de paixões encarnadas em seres de carne e osso; é um visualista; as suas obras não têm psicologia; em suma, um grande prosador, um grande artista da palavra enquanto valor autónomo, e, para finalizar, um escritor regionalista, «um genial rapsodo popular» na expressão de Nemésio.

Quem fabricou a lenda negra? Na «História da Literatura Portuguesa», a pgs. 869, estuda-se Aquilino sobre a rubrica do «regionalismo», nota dominante. Joaquim Paço d'Arcos fala do «regionalismo poderoso» de Aquilino na sua conferência «Fronteiras do romance português». Cito estes autores coevos como poderia citar muitos outros. A lenda negra, porém, é de mais longe. Quero crer que começou a propalar-se com a geração da «Presença» (1927). A «Presença» tinha-se de afirmar contra alguma coisa. Um dos paredões para descarga da fuzilaria foi Aquilino, não o Aquilino prosador, mas o pro-

Continua na página 6

O problema dos Transportes Colectivos em Aveiro

Noticiámos já, no último número, que o deputado pelo Círculo de Aveiro sr. **Dr. Artur Alves Moreira,** *teve valiosa intervenção na Assembleia Nacional, em 28 do mês transacto, sobre o grave problema dos transportes colectivos aveirenses.*

O assunto, em tese genérica, é melindroso, em consequência de interesses particulares criados e e legalmente sancionados que se opõem a uma ampla e eficiente municipalização dos serviços. E assim se justificam as considerações, quase todas judiciosas, de diversos outros deputados, que entremearam a brilhante explanação do sr. Dr. Alves Moreira, as quais serviram, aliás, para reforçar mais a argumentação e as conclusões do ilustre deputado aveirense.

Desde que haja a decisão — que se pede e se impõe — de arredar conceitos desactualizados e em desconformidade com as prementes e legítimas conveniências públicas, cremos não ser impossível (e, em todo o caso, é indispensável) o estabelecimento de bases conciliatórias. A solução terá que vir — e urgentemente. O caso de Aveiro é, talvez, dos que a reclamam mais rápida e decisiva.

Abaixo transcrevemos do «Diário das Sessões» a primeira parte do discurso proferido pelo sr. Dr. Alves Moreira — clara exegese , juntando o nosso modesto aplauso aos calorosos aplausos que a Assembleia Nacional e a Câmara Municipal de Aveiro tributaram às palavras do orador.

Ao tomar a palavra uma vez mais nesta Câmara, faço-o movido pela necessidade imperiosa de focar um momentoso assunto que diz respeito ao estado actual de uma situação que vem a arrastar-se sem solução há vários anos, e que é a limitação imposta ao número de carreiras dos transportes colectivos da cidade de Aveiro, que aqui represento, mercê de circunstâncias que ouso encarar e apreciar.

Em boa hora, e animada da melhor vontade de servir em todas as necessidades os seus munícipes, ousou a Câmara de Aveiro tomar a iniciativa de estabelecer carreiras de transportes colectivos municipalizados em autocarros, não sem prèviamente encarar as dificuldades que advirlam de tão acertada quanto útil deliberação, em reunião de 1 de Abril de 1957, e, como resultado dessa mesma atitude perseverante, logrou inaugurar tais serviços, que se iniciaram em 15 de Fevereiro de 1959.

Assim o determinaram razões de vária ordem, mere-

Continua na página 2

MILAGRE INÉDITO

Grito-sangue-clarim, o riso desventreu-se vulcão
nos lábios-fronteira de meu rosto-planície-deserto.

É a vida que ergue sua espada sobre o flanco da morte.
O sol não se vê e ele nos faz ver toda a enxurrada...
Genial é o não-génio por saber que o não é!

Meu riso-grito-libertação é de agora para sempre
fera-boca na sombra mordendo sua mesma cauda.
Os homens fazem-se homens e eu só me sinto humano.

Juizes de olhos-fogo e de mãos-pedra,
por que se empastam rótulos em palavras-sangue-vento?
Senhores de peito-constelações e de ventre-sanguessuga,
por que se cravam dentes em actos-nuvens-carne?

Acabem-se os homens e comece o humano...
Os olhos se dobrem no peito e as mãos se ergam
em floresta que sabe que toda a seiva é seu chão...

O chão-sangue será inferno a queimar-nos as veias?
Mas o homem, então a arder, fará o milagre de não queimar o Mundo!

17-4-63 **Mário da Rocha**

Zé Penicheiro

O HOMEM DO SAL

um dos trabalhos expostos na recente exposição no Porto

O Problema dos Transportes Colectivos em Aveiro

Continuação da 1.ª página

cendo especial relevo o desenvolvimento comercial e, sobretudo, industrial da cidade, aliado a outras circunstâncias bem notórias, como sejam o alto índice demográfico da região aveirense, o movimento de veículos e peões, sempre em número crescente, do elevado número de construções dos últimos anos e o aumento da área urbana, além das perspectivas que se anteviam como resultantes do ritmo crescente das obras dos portos de pesca e comercial.

Assim, não só se facilitaria a deslocação rápida entre os diversos pontos da cidade, como, e sobretudo, se estabeleceriam ligações eficientes entre os arrabaldes, mormente aqueles de maior densidade populacional, que se encontram em íntima correspondência com o centro citadino, e resolver-se-iam ainda desta maneira problemas importantes desses agregados populacionais, entre os quais é justo evidenciar-se a solução da crise habitacional, pois desta maneira poderiam viver na periferia da cidade, ou mesmo até nas freguesias rurais, em casas não só mais saudáveis, mas ainda muito mais económicas.

Dado que essa gente, na sua maioria de humilde condição social, e como tal menos abastada, veria satisfeito o seu legímo anseio de poder estar em fácil contacto com a cidade, aonde, mercê da sua actividade profissional, teria de acorrer todos os dias, tal medida sòmente seria de louvar, e, consequentemente, todos os esforços dirigidos nesse sentido não seriam demasiados.

Ora, foi tendo em atenção precisamente, e sobretudo, as aspirações da população do concelho, que tal empreendimento mereceu a atenção da administração municipal e se estudaram as soluções adequadas para a execução prática desse serviço público, que passaria a estar à disposição dos munícipes.

Foram estudados criteriosamente os itinerários mais convenientes, em número de cinco, sendo três deles dentro da área exclusivamente urbana e os outros dois mistos, abrangendo zonas urbanas e suburbanas circunvizinhas, estas sòmente as que estavam intimamente na dependência directa daquelas.

Foram também feitos, implìcitamente, estudos de carácter técnico, económico e financeiro, na base de tais itinerários, e abalançou-se o Município a contrair um empréstimo, amortizável em quinze anos, de 2500 contos para a aquisição de seis autocarros, que, a juntar a mais 500 contos para despesas das instalações de recolha dos mesmos, e outras inerentes, com que logo contribuiu, poria em prática tal investimento, de tão necessária utilidade pública.

Foi o plano aprovado superiormente por portaria de 3 de Outubro de 1957, mas não pôde infelizmente vir a ser cumprido na íntegra, pois as duas carreiras previstas que incluíam, em parte, e só em parte, os arrabaldes da cidade, e que eram as mais necessárias, não puderam entrar em funcionamento imediato, nem até hoje foi permitido, embora muitas e muitas exposições e *démarches* tenham sido feitas neste sentido, e de que há a destacar a tão pormenorizada, quão autorizada, explanação do assunto feita pelo então conselho de administração dos serviços municipalizados da Câmara. Mas todas esbarraram no parecer emitido pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres, solicitado por S. Ex.ª o Ministro das Comunicações, que, por escassa maioria, se pronunciou pela não necessidade das referidas carreiras quando surgiram as reclamações de empresas de camionagem privadas com interesses ligados à região.

Tal parecer, salvo o devido respeito, não está de maneira nenhuma de acordo com as realidades, porquanto sòmente um estudo pormenorizado do problema no próprio local e em estreita identidade de trabalhos com aqueles que foram feitos prèviamente pela Câmara Municipal poderá, em boa lógica, determinar uma mais razoável atitude; e tais estudos não consta que tenham sido feitos, como se impunha viesse a suceder, para uma tão completa quanto justa apreciação, isenta de influências, do problema equacionado.

Dar-se-ia antes o caso que o estabelecimento destas carreiras, sendo exploradas pelos serviços municipalizados, brigava com disposições regulamentares que punham em causa interesses de carreiras concessionárias de trajectos interurbanos que parcialmente, e só parcialmente, mercê dos seus itinerários de longo percurso, seriam comuns em pequeníssimos troços de estrada. Ora essas empresas de camionagem, absolutamente estranhas aos problemas dos utentes de tais transportes colectivos, teriam direito de opção à concessão de tais explorações.

Ora, não se afigura justo nem consentâneo com as reais necessidades de agregados populacionais, cujos problemas só interessam ao seu concelho, que sejam carreiras interurbanas a condicionar, de qualquer modo, a livre exploração de transportes de regiões urbanas e suburbanas dependentes daquelas, pois esta deveria estar sòmente dependente dos serviços que o seu município considere de utilidade proporcionar e facultar aos seus mnnícipes. E' nesta ordem de ideias que entendo ser de permitir às câmaras que possuam serviços municipalizados de transportes colectivos que, não só na área pròpriamente urbana, como também nas zonas extensivas aos arrabaldes, estabeleçam as carreiras que entendam mais convenientes, com itinerários bem estudados e horários adequados em relação às necessidades daquilo que bem conhecem dos possíveis utentes de tais serviços de interesse público. /.../

P. S. P. de Aveiro

Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10

AVEIRO

Revista de Inspecção de 1963

São avisadas todas as praças de qualquer arma ou serviço *na disponibilidade*, com instrução, isto é, *das classes de* 1956 a 1962, inclusive, os Sargentos e Furriels do Quadro Permanente e Milicianos com menos de 36 anos de idade (disponíveis), isto é, até 31 de Dezembro do ano que completarem 35 anos de idade, todos residentes nas freguesias desta cidade e concelho, a comparecerem às 9 (nove) horas do dia 19 de Maio próximo, *com as suas cardenetas militares*, a fim de lhes ser passada revista de inspecção que terá lugar no edifício da sede do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10.

As faltas à revista são punidas nos termos do Decreto-lei n.º 26779, de 11 de Julho de 1936 *(com a multa de 20$00 a 100$00)*.

As praças que tiverem mais de 3 (três) filhos, devem apresentar as cédulas pessoais dos mesmos ou os respectivos boletins do registo se anteriormente os não apresentaram.

As praças da classe de 1955 e anteriores não têm revista de inspecção, assim como as que passarem à disponibilidade no corrente ano.

Não serão concedidas mudanças de domicílio para outro concelho, a partir dos 30 (trinta) dias que antecedem a data fixada para a revista em cada concelho.

Poderá ser passada revista de inspecção antes da data indicada, às praças que se apresentem das 14 às 16 horas na sede do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10, em qualquer dos 15 dias úteis anteriores ao dia marcado.

Aveiro e Comando da Polícia de Segurança Pública, 17 de Abril de 1963.

O Comandante Distrital,
José Horta Monteiro
Cap.

Secção dirigida por

António Leopoldo

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

III Divisão

Este torneio tem amanhã o termo da primeira volta, realizando-se os seguintes jogos nas séries que incluem clubes aveirenses:

Penafiel - Progresso
Tirsense - Vilanovense
Leverense - Lusitânia
Naval - Arrifanense
Lamas - Marialvas
União - Ovarense

Actualmente, e nas aludidas séries, as classificações estão assim ordenadas:

2.ª Série

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P
Tirsense	4	2	2	0	7-5	6
Leverense	4	2	1	1	8-4	5
Lusitânia	4	2	1	1	5-5	5
Progresso	4	1	2	1	6-8	4
Vilanovense	4	1	1	2	2-3	3
Penafiel	4	0	1	3	4-7	1

3.ª Série

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Ovarense	4	3	0	1	11-6	6
União	4	2	1	1	5-6	5
Marialvas	4	1	2	1	6-6	4
Arrifanense	4	2	0	2	4-5	4
Naval	4	1	1	2	8-7	3
Lamas	4	1	0	3	6-10	2

Juniores

Após uma interrupção de dois domingos, o Nacional de Juniores volta amanhã a movimentar jovens futebolistas de todo o País.

Nas séries em que há clubes da nossa região, haverá os seguintes desafios:

Avintes - Leixões
Oliveirense - Salgueiros
Braga - Sanjoanense
Naval - Beira-Mar
S. Félix - Nacional
Porto - Anadia

As actuais classificações estão assim ordenadas:

2.ª Série

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	3	2	1	0	7-1	5
Leixões	3	2	0	1	4-3	4
Braga	3	2	0	1	6-3	4
Oliveirense	3	1	1	1	8-4	3
Salgueiros	3	1	0	2	3-6	2
Avintes	3	0	0	3	1-12	0

3.ª Série

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Porto	3	3	0	0	18-3	6
Nacional	3	1	2	0	3-2	4
S. Félix	3	2	0	1	4-11	4
Anadia	3	0	2	1	2-3	2
Naval	3	0	1	2	3 6	1
Beira-Mar	3	0	1	2	1-6	1

Provas Distritais

PRINCIPANTES

Está marcada para amanhã a ronda final da prova em epígrafe — de que, como noticiámos já, o Beira-Mar é virtual vencedor.

Efectuam-se os jogos:

Beira-Mar - Espinho (4-2)
Ovarense - Sanjoanense (0-7)
Alba - Mealhada (3-1)

II Divisão

Para concluir-se a primeira volta deste torneio, amanhã temos, em Vale de Cambra, o desafio *Valecambrense-Mealhada.*

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 32 DO TOTOBOLA ★

28 de Abril de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Feirense — Setúbal	1		
2	Sporting — Benfica		x	
3	Barreirense — Olhan.	1		
4	Belenenses — Porto	1		
5	Espinho — Oliveirense	1		
6	Vianense — Covilhã			2
7	C. Branco — Braga		x	
8	Silves — Lusitano V. R.	1		
9	Farense — Alhandra	1		
10	Peniche — Seixal		x	
11	Luso — Sacavenense	1		
12	Portalegrense - Portim.		x	
13	Oriental — Torriense	1		

PROGNÓSTICO DO CONCURSO EXTRAORDINÁRIO DO TOTOBOLA

CAMPEONATO DA EUROPA DE HÓQUEI EM PATINS

28 de Abril — 4 de Maio

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Bélgica — Holanda			2
2	Inglaterra - Alemanha			2
3	Portugal — Itália	1		
4	Itália — Alemanha	1		
5	Suiça — Alemanha		x	
6	Holanda — Suiça	1		
7	Espanha — Itália	1		
8	França — Bélgica		x	
9	Suiça — Inglaterra	1		
10	Inglaterra — Bélgica	1		
11	Holanda — Alemanha		x	
12	Holanda — Inglaterra	1		
13	Portugal — Espanha	1		

Basquetebol

Campeonato Nacional da II Divisão — Zona Norte

Após o interregno verificado em consequência das solenidades da Páscoa, a prova em epígrafe retoma o seu curso normal, com a realização dos desafios da nona jornada — penúltima da corrente fase preliminar.

O calendário engloba os seguintes encontros:

Hoje — Sport — Educação Física (34-46).

Amanhã — Leça-Illiabum (16-34), Sportig Figueirense-Fluvial (26-45), Guifões-Sporting das Caldas (33-36), Olivais-Amoníaco (21-22) e Galitos-Centro Universitário (D.-V.).

Recordamos, entretanto, as actuais tabelas classificativas:

Subsérie A-1

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Fluvial	8	6	2	333-254	20
Leça	8	6	2	269-220	20
Guifões	8	4	4	277-264	16
Caldas	8	3	5	239-305	14
Illiabum	7	2	5	297-278	11
Figueirense	7	2	5	216-298	11

Subsérie A-2

	J.	V.	D.	Bolas	P.
C. Universit.	7	6	1	189-144	19
Sport	8	5	3	351-294	18
E. Física	7	5	2	245-215	17
Galitos*	8	5	3	301-257	17
Olivais	8	1	7	210-294	10
Amoníaco	8	1	7	219-322	10

* Tem uma falta de comparência

Provas Distritais

Infantis

Resultados apurados nas últimas partidas que se efectuaram:

Amoníaco-Galitos 13-18
Esgueira-Illiabum 15-33
Sangalhos-Esgueira 16-11

Classificação geral:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illiabum	7	7	—	211-77	21
Galitos	6	5	1	127-78	16
Amoníaco	7	2	5	75-142	11
Sangalhos	6	2	4	93-138	10
Esgueira	6	—	6	56-126	6

Amanhã, a prova prossegue, com os desafios a seguir indicados:

Sangalhos-Amoníaco (17-16)
Galitos-Esgueira (22-9)

ANDEBOL DE SETE

CAMPEONATO DISTRITAL

● Na passada semana, e dentro da maior regularidade, continuou a disputa do torneio regional de andebol, apurando-se os seguintes resultados:

Amoníaco-Espinho 6-10
Sanjoanense-Beira-Mar . . . 12-17

● Mercê destes desfechos, a tabela classificativa ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Espinho	5	4	—	1	53-30	13
Amoníaco	5	2	—	3	45-52	9
A. Vareiro	4	2	—	2	37-31	8
Beira-Mar*	5	2	—	3	44-43	8
Sanjoanen.*	5	1	—	4	41-59	6

* Têm uma falta de comparência

● A competição prosseguiu ontem à noite, com a efectivação, em Aveiro, do prélio *Beira-Mar-Amoníaco*, antecipado por acordo entre os dois grupos.

Esta noite, completa-se a sétima jornada, realizando-se o jogo *Atlético Vareiro-Sanjoaneese*, em Ovar.

Sanjoanense, 12 — Beira-Mar, 17

Jogo no sábado, à noite, no Pavilhão de Desportos de S. João da Madeira. Sob arbitragem do sr. Albano Pinto, os grupos apresentaram:

SANJOANENSE — Lopes, Almeida, Quim, Veloso, Barata (1), Fernandes, Augusto (6), Lagoa (1), Costeira (4) e Macedo.

BEIRA-MAR — Lemos, (Gonçalo), Lé (4), Gamelas (4), Paulo (4), Picado (1) Cerqueira (3), Alfarelos (1) e Alfredo.

1.ª parte: 4-13. 2.ª parte: 8-4.

O encontro Sanjoanense-Beira-Mar teve a caracterizá-lo duas partes totalmente distintas.

A primeira metade foi, sem dúvida, a que teve melhor andebol, com realce para os aveirenses, que se apresentaram com um bom fio de jogo, desenvolvendo jogadas vistosas, com a bola a girar velozmente por todos os jogadores, que procuravam o remate no momento preciso, tornando-se até bastante realizadores.

A equipa da casa, ainda neste meio tempo, pareceu surpreendida com a maneira de actuar dos seus adversários. Na verdade, os sanjoanenses, a partir de certa altura, pareceram desorientados, desorganizando-se completamente. A marca de 13-4 favorável aos beiramarenses, que se registava ao intervalo, espelhava com certa clareza o modo como até então actuaram as duas turmas.

No segundo tempo, a qualidade de jogo baixou. Os negro-amarelos, acusando desgaste pela velocidade que imprimiram ao jogo na primeira metade do encontro, foram baixando de rendimento, enquanto que a Sanjoanense, entrando com mais acerto a defender e atacando sempre com perigo, foi gradualmente reduzindo a diferença. No entanto, o Beira-Mar nunca se mostrou inferior ao seu antagonista, nem o resultado favorável esteve em perigo.

O resultado final — 17-12 — está de harmonia com o desenrolar dos acontecimentos.

Na equipa sanjoanense há a salientar a exibição de Augusto, que se voltou a afirmar como temível rematador.

Nos aveirenses todos cumpriram, sendo no entanto de salientar o magnífico primeiro tempo de Lemos, que executou um punhado de excelentes defesas.

A arbitragem do sr. Albano Pinto situou-se em bom plano. Nunca se impressionou com o ambiente, demonstrando personalidade e boa visão no julgamento das faltas.

XADREZ DE NOTÍCIAS

♜ *A Associação de Andebol de Aveiro, em atitude que nos merece os mais rasgados aplausos e elogios, distribuiu aos clubes seus filiados que disputam o Campeonato Distrital (Amoníaco, Atlético Vareiro, Beira-Mar, Espinho e Sanjoanense) equipamentos completos e bolas para a prática da modalidade.*

♚ *O campeão regional de ciclismo Laurentino Mendes, da Ovarense, foi o melhor ciclista nortenho nas competições efectuadas recentemente na zona de Lisboa, tendo sido o único velocipedista dos clubes de Aveiro convocado para o grupo dos treze prováveis componentes da equipa de Portugal na próxima Vuelta de España.*

♝ *Amanhã, pelas 16 horas, realiza-se em Aveiro um desafio particular de futebol entre os grupos principais do Beira-Mar e do Feirense.*

♛ *Dois grupos do nosso Distrito — Académica de Espinho e Sanjoanense — qualificaram-se, brilhantemente, para a fase final do torneio de hóquei em patins «Taça Mário de Carvalho», promovido pela Associação de Patinagem do Norte. Terão como adversárias as turmas do Académico do Porto e do Leixões.*

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVEIRENSE
5.ª feira . . .	S A Ú D E
6.ª feira . . .	OUDINOT

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Sábado, 20 — às 21.30 horas

Sessão extraordinária, em «réprise» do emocionante filme, com Sarita Montiel, Reginaldo Kerman, Mario Girotti e Alessandra Panaro — **O Pecado de Amar**. Para maiores de 12 anos.

Domingo, 21 — às 15.30 e às 21.30 h.

Um filme de aventuras, com John Wayne, Elsa Martinelli e Hardy Kruger — **Hatari**. Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, 23 — às 21.30 horas

Um filme «suspense», com Scott Brady, Anne Bancroft e Jim Davis — **A' Força do Gatilho**. Para maiores de 12 anos.

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 20 — às 21 horas

Um excelente filme produzido por Walt Disney, com Guy Williams, Laurence Maismith, Donald Houstown e Sean Scully — **O Príncipe e o Pobre**. Para maiores de 6 anos.

Domingo, 21 — às 15.30 e às 21.30 h.

Um filme em Eastmancolor e Dyaliscope, com Keith Michell, Adrienne Coci, Peter Arne, Kai Fischer e Peter Cushing — **O Clube do Diabo**. Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 25 — às 21.30 horas

Um vigoroso filme dramático italiano, com Claudia Cardinale, Jacques Perrin, Luciana Angelillo, Renato Baldini, Corrado Pani e Romolo Vali — **A Rapariga da Mala**. Para maiores de 17 anos.

Festival de encerramento da «Feira de Março»

No próximo dia 28, último domingo da tradicional «Feira de Março», a Tertúlia Beiramarense promove um excelente festival para assinalar o fecho daquele certame.

Actuarão diversos grupos folclóricos da região aveirense, além dos apreciados «Conjunto de Maria Albertina» e «Conjunto Três Menos Um», havendo, no final, uma sessão de fogo de artifício.

O produto líquido do festival — o que auguramos o melhor êxito — destina-se ao Sport Clube Beira-Mar.

Pelo Hospital

Visita Pascal

Depois do *Dia do Doente*, em que membros da Acção Católica e das Comissões Vicentinas visitaram os doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, deixando-lhes palavras de conforto e lembranças, realizou-se, no passado domingo, a Visita Pascal, a que presidiu o Rev.º Padre Mário Bacalhau, Coadjutor da Freguesia da Glória.

Comissão de Reapetrechamento dos Hospitais

Esta Comissão acaba de comunicar à Mesa Administrativa que o Hospital Regional foi dotado com alguns materiais destinados a diversos serviços, entre os quais poderão ser citados os de Otorrinolaringologia, Radiologia, Cirurgia, Urgência e Especialidades, tudo no valor de 168.000$00.

Movimento de Doentes

Nos últimos dias, o movimento de doentes registado na Casa de Saúde do Hospital Regional foi o seguinte:

Rev.º Padre Florentino do Carmo, Manuel de Oliveira Maia, D. Maria Emília Correia Ribeiro, Tenente Jaime Pereira Sabino, José Albino Ferreira, D. Maria Fernanda Fernandes, João Carlos Soares, João dos Santos, Armando Jorge R. de Melo e D. Maria Gabriela S. Maia, todos de Aveiro; D. Maria Brites e D. Maria Madalena Campos Carvalho, de Águeda; D. Maria Amélia Andrade, de Vagos; António Tavares da Silva Ribeiro, de Nariz; D. Laura Nunes de Andrade, de Sangalhos; D. Maria Miranda Mesquita, de Mira; D. Maria da Glória Baptista, de Sever do Vouga; D. Maria Teresa Dinis Ferreira, de Oliveirinha; João Marques Ribeiro, da Quinta do Gato; D. Conceição de Oliveira Matos, de Quintãs; D. Maria Octávia Amélia Diogo, de Cacia; Carlos Alberto Costa, da Gafanha da Boa-Hora; e D. Arminda de Jesus Barbosa, da Murtosa.

Quem Perdeu?

No mês de Março findo, foram encontrados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. os seguintes objectos que se entregam a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

Um porta-moedas com dinheiro e dois lenços; um casaco de cotim, próprio para homem; uma luva de cabedal; um isqueiro e um tubo com comprimidos; um lenço de mão com dinheiro; uma nota do Banco; umas luvas de malha e cabedal; um «cache-col» de lã; um «cache-col»; uma caneta de tinta permanente; uma luva de pelica; um rosário com crucifixo; um porta-moedas com dinheiro; uma argola com chaves, navalha e um aloquete; um porta-moedas com dinheiro; um lenço em «nylon», próprio para senhora; e um par de calças de fazenda e uma fita métrica.

Uma Ambulância de Aveiro para Angola

Uma delegação de graduados, acompanhada do Governador Civil e do Delegado Distrital da Mocidade Portuguesa, desloca-se, no próximo dia 23 do corrente, a Lisboa, a fim de fazer a entrega à Cruz Vermelha Portuguesa da ambulância — adquirida por subscrição dos filiados da Divisão de Aveiro e destinada a prestar serviço na província de Angola — que se vê na gravura que abaixo publicamos.

Comemorações em Aveiro do 37.º Aniversário da «Revolução Nacional»

Ao fim da tarde de anteontem, o ilustre Chefe do Distrito, sr. Dr. Manuel dos Santos Louzada, reuniu no seu gabinete os representantes dos semanários locais e dos diários, com o fim de lhes dar a conhecer o programa das comemorações do 37.º Aniversário da «Revolução Nacional» promovidas pelo Distrito de Aveiro.

O sr. Dr. Manuel Louzada agradeceu a presença dos representantes da Imprensa. Seguidamente, acentuou que à elaboração do programa comemorativo presidira a ideia de celebrar dignamente o magno acontecimento nacional, esclarecendo que, no período que decorrerá de 28 de Abril a 28 de Maio, serão inauguradas no Distrito de Aveiro obras cujo preço anda pelo elevado montante de 42 mil contos.

No dia **27 de Abril** corrente, será levada a efeito, pelas 18.30 h., no Cine Teatro Avenida, uma sessão pública, a que presidirá o sr. Ministro do Interior, que, pouco antes, será recebido no Governo Civil. A' noite, num dos pavilhões das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, realiza-se um jantar de confraternização nacionalista, para o qual se registaram já cerca de 2 500 inscrições.

No dia 28, domingo, com a presença de vários membros do Governo, serão inauguradas várias e importantes obras em diversos pontos do Distrito.

No próximo número daremos o programa pormenorizado das comemorações.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 20 — Os srs. Tenente Leonardo Campos de Almeida, Conselheiro Dr. Anselmo Taborda, Joaquim Huet e Silva e José Duarte Vieira; a menina Pureza Casal de Carvalho, filha do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, ausentes em Luanda; e o estudante João Serrana da Naia Fortes, filho do sr. José da Naia Fortes,

Amanhã, 21 — Os srs. Francisco Maria Duarte Vieira Gamelas e António Carvalho da Silva; e a menina Maria da Ascenção, filha do co-proprietário do *Litoral* Francisco dos Santos da Benta.

Em 22 — As sr.as D. Rosa da Silva Reis dos Santos, esposa do sr. Joaquim Vinagre dos Santos, e D. Maria Fernanda Sarrico Maia e seu marido sr. Domingos Ferreira da Maia; e o sr. João dos Santos.

Em 23 — As sr.as D. Maria da Purificação Gamelas de Almeida, esposa do sr. Tenente José Augusto Rodrigues de Almeida, dos Serviços Administrativos do *Litoral*, e D. Natércia Carvalho de Almeida, esposa do sr. José Marques de Almeida; os srs. Américo Guilherme Tavares Ferreira, Carlos Júlio Rodrigues e João Simões de Almeida, aveirense ausente em West Haven, Conn, — Estados Unidos da América do Norte; e as meninas Maria Luísa Dias Leite, filha do nosso colaborador Coronel-aviador António Dias Leite, e Maria Isabel Rocha Pereira Campos, filha do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior.

Em 24 — A sr. D Maria Soares da Silva; e sr. Sebastião Amaral.

Em 25 — A sr.ª D. Madalena Graça da Silva, esposa do sr. João Gonçalves Rodrigues Costa; a menina Maria Guilhermina Martins Melo Alvim, filha do sr. Luís de Melo Alvim Júnior; e o menino João Carlos Gonçalves Pereira, filho do sr. Júlio Pereira.

Em 26 — Os srs. Dr. João Osvaldo de Melo Freitas e José Maria Peixoto de Oliveira; a menina Maria Aldina Pereira; e o menino Jaime, filho do sr. António Gonçalves Andias, residente nos Estados Unidos da América do Norte.

FUNCIONALISMO

Ficou aprovado nos concursos para Chefe de Secretaria dos Tribunais do Trabalho, a que recentemente se apresentou, o sr. Joaquim Dias Vieira, actualmente colocado na Vila da Feira e que, durante anos, prestou serviços, com zelo e competência, no Tribunal do Trabalho de Aveiro.

Horário dos Comboios

PARA O SUL		PARA O NORTE		PARA O V. DO VOUGA		Comboios destinados a Aveiro que chegam do V. do Vouga e do Porto	
Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Chegada	Obs.
1.35	Correio, Lisboa	5.34	Correio, Porto	7.40	Liga para Viseu	7.20	De Sernada do Vouga
7.00	Coimbra	6.50	Tranvia, Porto	10.04	» » »	8.07	» » » »
7.28	Coimbra (a)	8.16	» »	12.55	» » »	10.48	De Viseu
9.15	Coimbra	11.11	» »	16.40	» » »	12.40	De Sernada do Vouga
10.26	Foguete, Lisboa	12.18	Rápido, Porto	18.10	» » »	15.50	De Viseu
11.32	Semi-directo, Lisboa	12.47	Tranvia, Porto	18.55	» » »	19.25	» »
14.05	Coimbra	14.53	Automotora, Porto	20.00	Só até Sernada	20.25	Tranvia do Porto
15.24	Foguete, Lisboa	16.36	Semi-directo, Porto			21.52	» » »
16.00	Autom., Coimbra (a)	17.28	Foguete, Porto			22.47	De Viseu
18.52	Coimbra	18.30	Tranvia, Porto				
19.41	Rápido, Lisboa	19.31	» »				
		21.22	» »				
(a) Têm ligação para Lisboa		22.43	Foguete, Porto				

Capitão Machado do Carmo

Os restos mortais do jovem e valoroso Capitão de Cavalaria António Lopo Machado do Carmo ficarão sepultados em terra aveirense.

Embora nascido em Coimbra, há 29 anos, era de Aveiro, pelo sangue e pelo coração, o heróico militar, que ajudou, com a generosa dádiva da sua vida, a escrever a nossa epopeia ultramarina.

Militar distinto e enérgico, granjeou, por suas virtudes e merecimentos, a admiração de quantos o conheceram. Dobrada mágoa, por isso, causou a sua morte prematura, ocorrida na Guiné, no mês transacto, em defesa do solo pátrio.

Filho do sr. Coronel Carlos Maria do Carmo e da sr.ª D. Maria Helena Machado do Carmo e neto da sr.ª D. Maria Luísa Mendes Leite Machado, possuía o inditoso moço a nobilíssima herança de distintos nomes aveirenses.

Como melhor homenagem aos méritos que o exornaram, aqui deixamos transcrito o louvor que, a título póstumo, lhe foi conferido, na ordem de 27 de Março, pelo Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné:

«Louva [...] o Capitão de Cavalaria António Lopo Machado do Carmo, pelas altas qualidades de bravura, energia e decisão demonstradas no ataque a numeroso grupo de terrorristas, poderosamente emboscados nas proximidades de S. Domingos. Não obstante as diminutas forças de que dispunha, não hesitou em se lançar ao ataque, constituindo-se num óptimo exemplo dos seus subordinados pela coragem, serenidade e desprezo pelo perigo, demonstrados durante a operação em que as forças terroristas foram quase completamente destroçadas. As suas excepcionais qualidades de comando e de carácter permitiram-lhe imprimir às forças do seu comando elevado espírito de corpo que as creditam entre as melhores tropas da Guiné, o que o torna digno de ser apontado como oficial de real mérito. Paralelamente, desenvolveu saliente acção psico-social, em especial entre as crianças da escola do comando do Batalhão, a quem distribuiu vestuário e artigos desportivos arranjados por sua própria iniciativa, tornando-se assim estimado não só no meio militar como no meio civil. Os serviços acima referidos prestados por este oficial ao Exército e à Nação devem ser considerados extraordinários, relevantes e distintos.»

Tobias de Lemos

Faleceu Tobias de Lemos. Este nome encheu Aveiro de prestígio, nos meios desportivos nacionais e nalguns estrangeiros.

Valoroso nadador, tendo-se particularmente distinguido em provas de fundo, levou longe a fama do «Beira-Mar», cujas cores tão devotadamente honrou em prélios sem conta.

Já o Litoral *lhe prestou, há anos, merecida homenagem. E de novo o fará, no próximo número, — desta vez, infelizmente, como merecido, mas desolador, necrológio.*

Agradecimento

A família da falecida sr.ª D. Maria da Apresentação dos Santos Paula Picado, receando, por ignorância de moradas ou por qualquer outro motivo, não ter agradecido, como era seu dever e vivo desejo, tornam pública, por esta forma, a sua mais profunda gratidão a todas as pessoas que a acompanharam e às que lhe manifestaram os seus sentimentos.

Agostinho Miguéis Picado
Agostinho Miguéis Picado Júnior
Rosa dos Santos Paula
Cecília Miguéis Picado
Abel Miguéis Picado
Antero Miguéis Picado

A LENDA NEGRA DE AQUILINO

Continuação da primeira página

sador Aquilino enquanto romancista. Não um rechaçar total, mas um ataque substancial. No n.º 28 da revista «Presença», de 1930, José Régio faz a crítica a «O Homem que Matou o Diabo» de Aquilino; e diz: «o que no livro ressalta são descrições, pormenores, episódios. Quere isto dizer que a espécie da imaginação de Aquilino o não predestina a aprofundar conflitos de ordem psicológica ou problemas de ordem moral e metafísica»; e mais adiante: «Ora em O Homem que Matou o Diabo o miolo psicológico dos protagonistas é pobre, pobríssimo se pensarmos na complexidade psíquica dos modernos heróis de romance». E Régio, o máximo introspectivo da sua geração, acabava por recomendar: «não são os civilizados ou hiper-sensíveis que ao talento de Aquilino Ribeiro convém representar, mas sim os primitivos, os impulsivos, os violentos, os simples de qualquer espécie ou os que de qualquer forma são redutíveis a uma caricatura pitoresca e exterior». Quem recomenda prescreve limites. Régio, sem deixar de reconhecer os belos dons de estilista do seu criticado, era como se dissesse: Olá confrade mais velho, isso de novela psicológica não é para si! Mas Régio volta à carga no n.º 37 da Presença (1933) a propósito da sua crítica a «A Batalha sem fim». Escrevia Régio: «O que na obra de Aquilino avulta é o retrato anedótico e pitoresco, a acção dramática exterior, o sôpro de epopeia rústica, o tom saboroso e popular da narrativa, o lirismo que corre no fundo e por vezes canta à superfície, o pormenor amorosamente cuidado, a poderosa evocação da natureza e das massas. Compreensão funda, medular, não a tem Aquilino senão da paisagem ou da humanidade primitiva. Essa, tem-na como talvez nenhum dos nossos escritores. E se digo talvez, é que penso em algumas páginas de Camilo. Mas estas qualidades que bastam à composição desses belos livros semi-romances semi-poemas — qualidades que por nos serem próprias reaparecerão, mais ou menos visíveis, em todo e qualquer romance português — não bastam todavia à criação do nosso romance moderno». Outro crítico da «Presença», Albano Nogueira, que depois a diplomacia silenciou, no n.º 38 da «Presença» (1933), ao criticar «As três mulheres de Sansão» dizia de Aquilino: «Incapaz, portanto, de nos dar conflitos psicológicos intensos ou mesmo de nos revelar totalmente (no sentido de não só ser dada notícia da exterioridade), qualquer personagem senhora de poderosa vida interior, Aquilino Ribeiro está assim apenas apto para a boa apreensão e revelação do pinturesco». Já a «Presença», a revista, se tinha extinguido. Mas a lenda negra continuou. Agora é João Gaspar Simões num estudo de 39 sobre a «Mónica» (in Crítica, 1942). Depois de realçar as intangíveis qualidades de mestre da prosa, Gaspar Simões declara que Aquilino não é romancista: «Não se pode dizer, por um lado, que Aquilino seja um psicólogo, nem mesmo involuntário, como o é todo o verdadeiro romancista». Da afirmação de que não era Aquilino um psicólogo a essa outra de que era um escritor regionalista, ou quando muito um romancista rústico, não ia senão um breve passo.

Os da «Presença» ao excluírem a qualidade de romancista a Aquilino estavam, contudo, a ser coerentes consigo mesmos. O romance moderno foi para a geração da «Presença» apenas o romance de análise, introspectivo, psicológico. Os máximos expoentes, Proust e Joyce. Mais grave do que isto era o facto de só o romance psicológico dever ser considerado romance. Esta a causa da intolerância.

Todo o romancista tem de ser psicólogo, diziam os componentes da «Presença». Ora como Aquilino é mau psicólogo, psicólogo deficiente, ou não é mesmo psicólogo, não é romancista... Um estilista, um mestre de prosa é o que ele é!

O promontório não se ralou muito com as críticas presencistas. A «Presença» olhava para dentro de si mesmo, à procura de resolver ou revelar as suas complexidades pessoais, de dissecar a alma, o espírito, o âmago insondável, misterioso, «muito humano e universal». O promontório era mesmo promontório. Sentia a pobre terra à sua volta e as águas como um mar de lágrimas. E daí que Aquilino tenha dito algo que a «Presença» olvidou egoisticamente: «O romance naturalmente esposará a causa do povo, se assim se pode chamar o ocupar-se com as misérias e virtudes, os sonhos e as realidades, os anseios e as cruezas do magma humano no que oferece de mais rico e profundável». A «Presença» fez arte aristocrática. Aquilino, arte democrática. O «O escopo da literatura — escreveu Aquilino — não se confina no papel platónico, arte pela arte; a literatura é uma sorte de catalizador do facto social pelo que envolve de informação, impulsionamento, construtura». Quanto à psicologia os anos passaram e encarregaram-se de lhe tirar a «importância». Freud e a psicoanálise vieram provar a falsidade da consciência, a ineficácia do método introspectivo... E famosas novelas psicológicas foram na enxurrada das coisas que o tempo se encarrega de liquidar, quando ao sol poente duma concepção sucede o duma nova estrela nascente.

No prólogo do livro «Servo de Deus» e «A Casa Roubada» (1940) Aquilino ironiza e com razão: «Corre para aí uma palavra, a qual, embora tão usada como os patacos antigos a poder de batida no balcão dos algibebes e judiarias intelectuais, é tida como constituindo o supra-summum da arte literária: psicologia».

O país é povo. Gente rústica, primária. E que delicados e complexos problemas «espirituais» pode ter o pobre do cavador, o ignorante do pescador, se as suas mãos e braços se esgotam em trabalho? Daí que no mesmo prólogo Aquilino, terrivelmente sério, tenha acrescentado: «O orgão mobiliza os demais orgãos. O homem só é Proteu em estado de repouso. Portanto esse glosar do músculo quando o músculo está em exercício, esse vidairar do entendimento, do desejo ou até da vontade quando a criatura concentra os sentidos em determinada faina, é gongorismo psicológico puro». Esclarecemos, gongorismo, trafulhice.

Dir-me-ão: há o homem rústico e o homem citadino; o primeiro, sim que é um ser sem conflito de paixões dignas duma profunda «psicologia»; o citadino, não, é homem com sonhos, paixões, problemas espirituais... e quanto a estes está Aquilino longe, muito longe de lhes captar o miolo. Ao leitor rogo um favor, mesmo um grande favor, o de continuar a ler este artigo depois de ter procurado as «Páginas de doutrina estética» de Fernando Pessoa e de ter lido os capítulos «O Provincianismo português» e «O caso mental português». «O mal superior português, esse mal consiste no provincianismo», declara Pessoa. Provincianismo no povo, na classe média, nas élites. Provincianismo no campo e na cidade. E pergunto agora eu: — pode um provinciano ser matéria para uma psicologia superior? Enquanto o país não passar da fase agrária actual, enquanto não passar à escala de país industrial e de serviços, não nos podemos dar ao luxo de produzir algum Proust. Volto a afirmar, o país é povo. E um povo que não se emancipou dos seus instintos, que se não individualizou ou espiritualizou, simplesmente porque tem ainda a sua placenta ligada às primeiras necessidades biológicas.

Falta apenas destruir o outro lugar comum, o de que Aquilino é um escritor regionalista. Deixou o encargo ao próprio Aquilino, que sempre se apercebeu de que «por via de regra quando entre nós se chama regionalista a um escritor é com intuitos malévolos». Aquilino perguntou: «Pode haver regionalismo, regionalismo com as características da lei, num país étnica e politicamente centralizado, que se percorre num dia de ponta a ponta, falando uma língua única, desprovida de dialectos, quando mais co-dialectos?... Na essência, Portugal é igual de norte a sul». E esclarece dois pontos: «Ora nós possuimos uma língua única, com uma só morfologia, com uma prosódia, de Norte a Sul»; e «à parte as cambiantes, e é negócio de folclore, os labregos de Portugal são o mesmo presépio e com a mesma psique. Esfomeados, ignorantes, velhacos, trabalhados pelos instintos, tanto o são aqui como além». Dentro, por ex. da literatura espanhola, pode-se falar de escritores regionalistas (os galegos, os catalães, os vascos, etc). Não assim na literatura lusa metropolitana. Regionalismos, a existir, terão quando muito feição ultramarina.

Deixo este breve artigo à meditação de muitos. E' apenas o que quis provocar, porque muito ficou por dizer.

Há que saltar sempre sobre os lugares comuns, mesmo que deixados por homens de valor. Pressinto que muitos dos intelectuais que recentemente homenagearam Aquilino Ribeiro estariam sorridentes por fora, mas por dentro com o tal lugar comum, com um diabinho a segredar: Pois, pois, mas não és romancista, não passas dum grande escritor regionalista e os teus méritos são apenas os dum grande prosador! Não fui às homenagens nem mandei telegrama. A minha homenagem é esta: remar contra a lenda negra que rodeia esse gigante das nossas letras, o promontório Aquilino Ribeiro.

Inhambane, 8 de Abril de 1963

Joaquim de Montezuma de Carvalho

As Audições Promovidas pelo Conservatório Regional de Aveiro

Continuação da última página

mesa de honra os srs.: Dr. António Rodrigues, Presidente da Junta Distrital; Dr. Orlando de Oliveira e Coronel Diamantino do Amaral, vereadores da Câmara Municipal de Aveiro; e a sr.ª D. Maria Leonor Teixeira Pulido de Almeida, Directora do Conservatório Regional. Em lugar de honra, encontrava-se o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro.

Usaram sucessivamente da palavra a sr.ª D. Maria Leonor Teixeira Pulido de Almeida, o aluno Manuel Teixeira Ferreira e o sr. Governador Civil.

Pròpriamente sobre a audição dos alunos do Conservatório, deve referir-se, antes de tudo, que ela patenteou, exuberantemente, o elevado grau de aproveitamento dos alunos e, òbviamente, a excelência do ensino ministrado, e ainda a competência e a proficiência dos respectivos professores, a quem é de inteira justiça deixar aqui uma palavra de elogio pelo seu excelente e probo trabalho.

Armando Vidal, ao piano, interpretou o concerto em si bemol maior, op. 4, n.º 6, de Händel; e Manuel Teixeira Ferreira, ao violino, tocou o concerto em sol menor, op. 12, n.º 1, de Vivaldi — evidenciando ambos muita segurança e notáveis recursos artísticos.

O cantor Mário Mateus, em franca subida (reveladora de notáveis progressos e índice de uma promissora carreira), apresentou algumas árias de Beethoven, Schubert e Mozart.

E, por último, sob segura regência da professora D. Maria Fernanda Correia Salgado, fez-se ouvir a Classe de Canto Coral, em composições de Roland de Lassus, Palestrina, Händel, e Schubert.

Há ainda a referir a primeira apresentação, com muito agrado, de uma orquestra formada por alunos da Classe de Música de Câmara — Manuel Teixeira Ferreira (1.º violino), José Limas (2.º violino), Mário Gonçalves Andias (contrabaixo) e Severino Vieira (flauta) — e ainda pelo professor Ramon Miravall (violoncelo).

■

Novamente em colaboração com a Pro-Arte, o Conservatório Regional promoveu, em 28 de Março findo, um outro excelente concerto, apresentando em Aveiro o célebre «Quarteto Instrumental de Paris» — agrupamento fundado há treze anos pela violinista Janine Volant-Panel (que ainda faz parte do conjunto) e criado com o intuito de difundir a música francesa — antiga e contemporânea.

O programa incluía obras de compositores desde o final do século XVII até aos nossos dias — Charles Rosiers (1695), Pinel (1661), Chambonnières (1672), Couperin (1668-1733), Vivaldi (1675-1741), J. J. Quantz (1697-1773), Florent Schmitt (1870-1958) e Pierre Wissmer. Extra-programa, foi ainda apresentada a «Mèlodie Japonnaise», do compositor holandês Daniel Ruyneman.

Janine Volant-Panel (violino), Mireille Reculard (violoncelo), Maryse Gauci (flauta) e Elsa Menat (espineta e piano) — tanto como solistas como admiràvelmente integradas no conjunto, mostraram ser artistas conscienciosas e souberam traduzir com muito acerto e permanente interesse do auditório as páginas que interpretaram.

O concerto foi brilhante — deixando gratas recordações em quantos tiveram a dita de assistir e aplaudir as magníficas interpretações das componentes do «Quarteto Instrumental de Paris».

■

Na noite do dia 1 de Abril corrente, deram um concerto em Aveiro os pequenos artistas do «Centro Cultural Infantil» da «Fundação Musical dos Amigos das Crianças», de Lisboa, que na nossa cidade iniciaram a sua série de actuações em terras da Província no presente ano.

O sarau, organizado em colaboração com o Conservatório Regional de Aveiro, teve o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian e alcançou extraordinário êxito.

Denotando elogiável segurança, rara intuição musical e compenetração absoluta, os moços e moças da Orquestra Infantil que até nós se deslocou — pequenos grandes artistas cujas idades se compreendem entre os 7 e os 16 anos! — prenderam e arrebataram o público aveirense, a quem arrancaram calorosas, prolongadas e merecidíssimas ovações, como prémio para as suas primorosas interpretações de todos os números do programa.

Este era formado por peças de J. de Sousa Carvalho, Fiocco, Bach, Vivaldi, August Klughart, Joly Braga Santos e Bela Bartok. Mas, para além das obras dos citados compositores, e correspondendo aos aplausos que o êxito da sua execução justificou, a magnífica Orquestra Infantil brindou ainda o público de Aveiro com a interpretação da «Dança Portuguesa», de Ruy Coelho, do «Momento Musical», de Schubert, da «Dança Húngara n.º 5», de Brahms, e do segundo andamento de um concerto de Beethoven.

O sarau, repetimos, obteve clamoroso sucesso — podendo bem ser considerado um acontecimento artístico de extraordinária relevância no nosso meio.

António de Albuquerque

Continuação da última página

temos, sem exclusão, para com esta colectividade aveirense.

Esta é a hora de todos nos considerarmos presentes.

E se a união é a força, então que nasçam forças para novo ânimo: que todos dêem de braços e ajudem com a sua *indispensável* quota-parte a construir o sonho grande, o sonho maior da colectividade recreativa que para Aveiro mais e maiores honras tem sabido e conseguido colner.

Esta é a hora do CLUBE DOS GALITOS; esta é a hora da sua nova sede. Esta é a hora que devemos aproveitar sôfregamente para saldarmos, ainda que parcialmente, a grande dívida de gratidão que temos para com este querido clube aveirense.

O C. E. T. A. (Círculo Experimental de Teatro-Aveiro) dá a sua primeira ajuda

Os rapazes do Círculo Experimental de Teatro que, ainda no ano passado, conseguiram obter os melhores prémios no Concurso de Arte Dramática organizado pelo S. N. I. ofereceram toda a receita de um espectáculo que se propõem realizar no palco do Teatro Aveirense.

Marcado definitivamente para o próximo dia 3 de Maio, deve contar desde já a Direcção do Clube dos Galitos com o apoio das gentes de Aveiro que terão ocasião de demonstrar, desta feita, que o seu amor à Arte de Talma é maior do que um diz-se transmitido de boca em boca.

Todos os proventos que porventura serão arrecadados reverterão para os fundos da nova sede do Clube dos Galitos.

Oportunamente, publicará este jornal uma entrevista com os directores do C. E. T. A. e nossos colaboradores, RUI LEBRE e MÁRIO DA ROCHA em que se focará, principalmente, o assunto sobre que versa a peça do grande dramaturgo irlandês SYNGE — O VALENTÃO DO MUNDO OCIDENTAL.

As Audições Promovidas pelo Conservatório Regional de Aveiro

Os pequenos artistas do «Centro Cultural Infantil» da «Fundação Musical dos Amigos das Crianças», que estiveram em Aveiro na noite de 1 do corrente mês

NOTAS DE
António de Albuquerque

Positivamente, o salão de festas do Teatro Aveirense se *virou* auditório. E é lá que, cumprindo-se as datas que nestas colunas em devido tempo se indicam, se têm vindo a realizar os diversos concertos musicais que o Conservatório Regional esta temporada já ofereceu aos aveirenses, no prosseguimento de um louvável e ingente esforço no sentido de valorizar a cultura artística de todos nós.

Para quem tenha tido o grato prazer de assistir às audições até agora efectuadas, será consolador verificar e referir o acréscimo de interesse do público de Aveiro pelos concertos — todos eles sem dúvida notáveis. Mas importa acentuar-se que, lamentàvelmente e incompreensìvelmente, sem razão para quaisquer desculpas, os aveirenses não têm sabido corresponder ao que deles se esperava. Na realidade, muitos são os que primam pela ausência — uma ausência que não condiz, de forma alguma, com o tão apregoado gosto dos aveirenses pela Música.

— Será que os melómanos de Aveiro se reduzem, tristemente, àquele pequeno grupo de fiéis espectadores que sempre tem acorrido ao Aveirense?

Cremos bem que não; e é incontroverso o facto — a que já nos reportámos — de haver sensível acréscimo de interesse do público, de concerto para concerto. E porque assim pensamos, temos esperança firme em que, de futuro, as gentes de Aveiro — as da cidade e as da região — não mais darão azo a que nos tenhamos de envergonhar diante dos artistas que até nós se desloquem. Acreditamos, efectivamente, em que a presença do público nos espectáculos musicais volte a estar em concordância com o propalado gosto dos aveirenses pela Música e em que este não volte a sofrer desmentidos.

A existência do Conservatória Regional, sobre uma honra, é igualmente uma enorme responsabilidade para Aveiro. E, portanto, a cada aveirense cumprirá não olvidar nem enjeitar a sua quota parte nessa responsabilidade colectiva.

Que todos possam — e queiram — cumprir os seus deveres são os votos que ardentemente e confiadamente aqui formulamos.

■

De seguida, registaremos breves resenhas dos concertos ùltimamente realizados em Aveiro.

Nas nossas notas, apontamentos despretenciosos sobre quanto se tem realizado no campo musical, desejamos, sobretudo, arquivar e dar público relato das actividades e realizações do Conservatório Regional de Aveiro, com o relevo que bem merecem todos os sacrifícios dispendidos nas suas notáveis iniciativas e que o tornam credor dos nossos melhores agradecimentos e dos nossos mais rasgados aplausos e elogios.

Por nós, não lhos regateamos.

■

Em colaboração com a Pro-Arte, o Conservatório Regional trouxe a Aveiro, em 28 de Fevereiro, duas conhecidas figuras do maior relevo no meio musical português, de renome internacional: a pianista Helena Moreira de Sá e Costa e a violoncelista Madalena Moreira de Sá e Costa Gomes de Araújo.

O programa, que incluiu composições de Gluck, Beethoven, Bach, Max Bruch, Vila Lobos, Ivo Cruz e Manuel de Falla, agradou plenamente, sendo bastante aplaudidas aquelas distintas artistas.

■

Em 19 de Março, efectuou-se a I Audição Escolar dos alunos do Conservatório.

No início do sarau, realizou-se uma sessão para distribuição de prémios aos alunos mais classificados em 1962, tendo sido galardoados: Maria Isabel Vieira do Casal (1.º ano de piano), Armando da Silva Vidal (3.º ano de solfejo e 3.º ano de piano) e Manuel Teixeira Ferreira (6.º ano de violino) — todos com 17 valores; Mário Mateus (1.º ano superior de canto), com 18 valores; e Armanda Figueiredo (prémio de assiduidade).

Presidiu à sessão o Chefe do Distrito, sr. Dr. Manuel Louzada, vendo-se ainda na

Continua na página 7

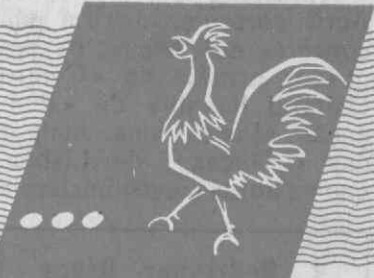
música

O famoso «Quarteto Instrumental de Paris», que os aveirenses ouviram e apreciaram na noite de 28 de Março passado

A MARGEM

Como caudaloso rio,
O grosso fio
Da Vida
É comparado;
E na ida,
Em leito cavado
À força
De sentimentos,
Quer torça
Aqui ou além,
Os sendimentos
Ao leito arrancados,
— Na vida além —
São atirados
À margem,
Já faltos de coragem
Para seguir,
Já então
Por não sentir
O coração.

Desconhecida a via
O lutar
Do dia a dia,
É o desbravar
Contínuo do Futuro,
É a curva
O muro
Forte,
Que obriga a turba
A virar
Ou a parar...
— A MORTE!

Poesia de CARLOS MOREIRA
Linóleo de HELDER BANDARRA

Julgamos saber que no coração de cada aveirense existe uma pontinha de alma de GALITO.

Por esse mesmo motivo, e por acreditarmos que os problemas do CLUBE DOS GALITOS são problemas para todos nós — os de Aveiro — é que, a partir desta semana, o Litoral *procurará dar, em lugar sempre que possível destacado, notícias desta colectividade, que à nossa terra tantos e tão relevantes serviços tem prestado*

A NOVA CASA DOS GALITOS

Sonho velho de todos os associados, e não só dos associados mas também de todos os aveirenses, é, sem dúvida, o problema da sede própria do CLUBE DOS GALITOS.

Dedicando-se a uma gama tão vasta de actividades que se estendem desde práticas multímodas no campo dos desportos até ao culto da maravilhosa arte de Talma, em boa verdade se deve dizer que limitados são já as paredes das actuais instalações do Clube para servir a sonhos que procuram tão largos horizontes.

E se é verdade também que esta colectividade aveirense tem sabido sempre, e bem, transformar os seus sonhos em realizações palpáveis, por outro lado se torna bem evidente que, desta feita, e dada a importância e as dificuldades de que se reveste esta iniciativa de tão grande interesse não só para o Clube em causa como também para a cidade, a obra a levar a cabo ultrapassa, e de longe!, as possibilidades materiais (que não outras!,) desta colectividade, velhinha nos seus cinquenta e tantos anos, mas sempre tão remoçada nos seus fulgores.

A colectividade não pode fenecer quando portas de sonhos dilatados começam a aparecer.

Se é certo que os GALITOS têm obrigações para com Aveiro, certo é também que a cidade não pode alienar as responsabilidades que efectivamente contraiu perante o mesmo Clube; face às realizações nos vários campos do Desporto e da Arte levadas a cabo sempre com tanto êxito, Aveiro tem que dizer *presente*, numa hora que reputamos verdadeiramente crucial para os destinos desta colectividade bem nossa.

Julgamos estar dentro da razão ao dizermos que esta é a hora de todos nós, aveirenses, retribuirmos, com o nosso contributo, ainda que pequeno no aspecto material, tantos aos serviços que a Aveiro este Clube tem sabido prestar.

Ajudemos a transformar o velho edifício da Praça de Joaquim Mello Freitas na sede airosa e acolhedora que os GALITOS tanto desejam e, assim, conseguiremos diminuir o saldo da grossa dívida que todos

Continua na página 7